



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**RAFAELA ROCHA GIOZZA**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-555

**Entrevistada:** Rafaela Rocha Giozza

**Nascimento:** 06/01/1995

**Local da entrevista:** ESEF/UFRGS

**Entrevistador/a:** Claudia Yaneth Martinez Mina

**Data da entrevista:** 04/12/2014

**Transcrição:** Thayná Lima Fagundes.

**Copidesque:** Claudia Yaneth Martinez Mina

**Pesquisa:** Claudia Yaneth Martinez Mina

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 31 minutos e 50 segundos

**Páginas Digitadas:** 12 páginas

**Observações:**

A entrevistadoa realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Claudia Yaneth Martínez Mina intitulada *Os significados dos futebóis na trajetória de vida de atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Inserção no esporte; Incentivo familiar; Aulas de Educação Física; Formação esportiva; Dificuldades na prática esportiva do futsal; Significados relacionados com a prática esportiva do futsal; Mulheres e futsal; Feminilidade; valores adquiridos com a prática do futsal.; Motivação para prática de futsal.

Porto Alegre, 04 de dezembro de 2014. Entrevista com Rafaela Rocha Giozza a cargo da pesquisadora Cláudia Yaneth Martinez Mina para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Muito obrigada Rafa, por aceitar esse convite e vamos falar um pouco sobre a tua trajetória no esporte, no futsal. Eu quero saber, primeiro de tudo: quais eram as atividades que você fazia quando estava muito pequena, atividade em geral.

R.G. – Ah! Eu sempre brinquei de bastante coisas, nunca tinha restrição com brincadeiras. Eu fui criada assim, era um bairro pequeno de casas, então eu sempre saía para rua para brincar com os meus vizinhos. A gente brincava de andar de bicicleta, às vezes ia para a casa de um brincar de lego, esconde-esconde, jogava bola, pulava corda. E no colégio as brincadeiras mais comuns eram esconde-esconde, essas coisas, e elástico. No intervalo das aulas que, além dessas, a gente ainda tinha o campo, a quadra lá disponível para poder brincar, jogar bola, enfim.

C.M. – Bom, você brincava com quem em especial?

R.G. – Com os meus vizinhos, ali eram a maioria meninos, tinha uma menina, todos da minha idade. No colégio era variado, brincava com todo mundo, nunca tive preferencias, tipo: amigos, melhores amigos, eu sempre me dei bem com todo mundo.

C.M. – Tu te lembra quais brinquedos teus pais compravam?

R.G. – Hum... Brinquedos, eu nunca tive. Como são três filhos lá em casa, a gente nunca teve todos os brinquedos da moda, então o que os nossos pais compravam eram normalmente brinquedos de uso dos três, jogos de tabuleiro, mas compravam as vezes algum... Meu pai é tradutor, então quando ele viajava para o exterior, ele trazia algum brinquedo de bonequinhos, mas nada muito característico. Eu nunca fui muito apegada a esses brinquedos materiais.

C.M. – Teus irmãos são dois irmãos homens?

R.G. – Não, é um menino, quatro anos mais novo do que eu e uma menina quatro anos mais velha.

C.M. – Você tinha algum brinquedo preferido, que você gostasse de brincar mais?

R.G. – Brinquedo preferido. Olha, eu acho que não. Eu, por exemplo, boneca eu tive uma, que foi minha dinda que me deu uma, nada muito presente... Que era minha preferida por isso eu não queria mais, foi porque eu realmente nunca tive vontade de ter. Deixa eu pensar, acho que não.

C.M. – Não tinha algo?

R.G. – Não, pelo menos que me lembre. Eu sempre gostei bastante de jogos de tabuleiro, porque como a gente era em três, tinha bastante gente para participar das brincadeiras, mas eu lembro que eu gostava bastante de brincadeiras que a gente inventava, por exemplo, tinha uma brincadeira lá em casa... Era uma casa grande, que antes moravam os meus tios com a minha avó, que a gente brincava de selecionar os objetos, os brinquedos, e tinha que esconder pela casa e os outros tinham que procurar, então eram brincadeiras assim. Brincávamos também de escolinha, nada com brinquedo do mercado.

C.M. – Compreendo. E como você começou a jogar futsal? Você lembra a primeira vez que bateu na bola?

R.G. – Eu lembro com os meus vizinhos, porque a maioria deles eram guris, então, eu sempre acabava brincando com eles. Daí no colégio, como eu já gostava da brincadeira, pela segunda, terceira série, no intervalo a gente podia jogar na quadra e aí os guris normalmente iam para lá, as meninas ficavam brincando de outras coisas fora da quadra, pelo colégio. E eu acabava muitas vezes indo jogar com eles, porque eles sabiam que eu gostava, e enfim. Eu acho que quando a gente era mais nova não tinha tanto problema porque não tem tanta diferença de força ainda, então acabava sendo bem tranquilo.

C.M. – Você jogava no mesmo nível deles?

R.G. – Eu não sei dizer, acredito que não. Mas não era aquela coisa que atrapalhava na brincadeira, mas isso era no intervalo, uma brincadeira mais para passar o tempo. Depois quando mais velha, na quarta série, eu mudei de colégio, aí eu comecei a encontrar mais dificuldades de poder participar da brincadeira, do futebol dos meninos, porque eles começam a ficar mais competitivos, tem mais diferença de força e tu não vai poder participar, se não tu vai estragar a brincadeira deles.

C.M. – Quantos anos mais ou menos você tinha?

R.G. – Na quarta série, deixa eu pensar, eu tinha entre nove e dez anos. Aí o colégio tinha as escolinhas de futsal, vôlei, enfim. Eu pedi para a minha mãe para participar da de futsal, fomos lá conhecer, isso na quarta série, aí o professor perguntou se eu queria fazer um treino primeiro, porque as meninas que participavam do time eram tudo do ensino médio e eu da quarta série, ele pediu para ver se eu queria participar, porque ele sabia que eu gostava bastante. Acabou que eu jogava bem para idade, comparando com elas ficou regular, mas a questão da força ainda era muito desproporcional, tinha conhecimentos que eu ainda não tinha... Eu só tinha contato com o futsal como brincadeira mesmo, não como um esporte para competir, então eu fiquei algumas semanas ali e depois eu parei, porque não dava para levar mais. Era muita diferença.

C.M. – Você agora falou sobre a escola, sei que você jogava na escola, o que mais gostava de fazer no momento de recreio?

R.G. – Eu não me lembro de nada muito mais marcante do que o futebol, a brincadeira com a bola, a gente ficava fazendo ou isso, ou conversando, as vezes a gente levava cordas, elástico, as outras brincadeiras eram muito variadas e muito menos presentes do que o futebol.

C.M. – E as meninas? As coleguinhas, o que elas faziam?

R.G. – Elas levavam bonecas, a maioria levava boneca, elas sempre brincavam em grupo, faziam as historinhas delas e eu nunca achei isso muito interessante.

C.M. – Bom, e na aula de Educação Física?

R.G. – Interessante! Bom, eu sempre gostei muito de esporte, todos os esportes, nunca tive restrição, sempre achei bem divertido e lá no colégio onde eu passei desde a quarta série, eu me formei lá, desde a quarta série até o terceiro tem um ginásio semelhante a esse aqui, com duas quadras pequenas e juntas viram uma grande. Então, na Educação Física era sempre uma quadra para as meninas e uma para os meninos. Quando a gente era menor, ensino fundamental, era uma brincadeira meio mista, não tinha essa divisão tão forte, fazia queimada e essas brincadeiras orientadas pelo professor. E quando a gente passou para as séries maiores, aí foi para dentro do ginásio a Educação Física que antes era no pátio, e então tinha duas quadras, uma para os meninos e uma para as meninas. O professor deixava a gente escolher qual esporte a gente preferia jogar e aí jogava o período inteiro aquele esporte entre a gente, como se fosse um jogo normal. Os meninos escolhiam sempre futsal, dificilmente eles mudavam e as meninas ficavam às vezes entre o vôlei, eu até tentava chamar para o futsal, às vezes elas aceitavam, mas o mais chato é que elas jogavam cinco minutos, dez minutos, daí: “Ai estou suando” ou “Ai cansei, não quero mais.” Então, elas ficavam num jogo que, sabe, não dá muita vontade. E o professor de Educação Física no ensino médio era meu treinador na escolinha -quando eu estava na sexta serie eu participei das escolinhas do colégio, até o final do colégio -, aí ele já conhecia, sabia que eu gostava de jogar e que eu jogava bem e os guris também sabiam disso, que eu sempre gostei muito, falava de futebol com eles. Ele me perguntou, falou com os meninos se eles não se importavam, se eu não queria jogar na Educação Física com eles e o ensino médio foi todo isso. Eu fazia a Educação Física na quadra dos meninos, para jogar futsal, e as gurias faziam a educação física delas, daquele jeito delas que eram cinco minutos e depois elas sentavam, só para dizer que fez. E foi assim até o final, e eu nunca encontrei problema com fazer parte da Educação Física dos meninos, porque como eu estava lá desde a quarta série, eles já me conheciam e sabiam que eu gostava de jogar.

C.M. – E o professor, por que fazia essa separação?

R.G. – Eu acho que era justamente pela questão da força, não sei, nunca perguntei para ele, mas pela questão da força e porque os meninos sempre eram mais empolgados para jogar,

do que as meninas, enquanto se eles juntassem, ficariam só os guris jogando de qualquer forma.

C.M. – Bom. Isso foi já na adolescência?

R.G. – Sim, basicamente.

C.M. – E quando mais criancinha?

R.G. – Quando eu era menor a Educação Física era junto, era misto e eram brincadeiras com bolas, não chegava a ser um esporte mesmo, porque eram metodologias diferentes. Por exemplo: um jogo de vôlei que tu podia segurar a bola e depois passar, adaptado. Brincadeiras adaptadas. E eram juntos.

C.M. – Alguma vez, dentro da escola, um professor ou professora, falou algo de que você jogava com os meninos?

R.G. – Olha, eu acho que professor não, porque eu sempre joguei tinham os professores responsáveis pelas categorias das escolinhas e como eu estava sempre ali, vendo o treino dos meninos, eles sabiam que eu gostava, não sei, eu acho que não, de professor eu acho que não.

C.M. – As colegas, as outras meninas?

R.G. – Ah, isso sim. Eu lembro quando eu era menor, pela segunda, terceira série que foi quando eu optava por ir para o pátio com os meninos jogar bola, isso sim. Tu escuta comentários, mas eu não me lembro de nada muito forte que tenha me marcado, mas eu optar pela brincadeira dos meninos do que pela das meninas, eu acho que é um pouco confuso para uma criança de oito anos.

C.M. – Não lembra alguma coisa? Tinha palavras?

R.G. – Eu acho que não.



C.M. – E teus pais o que pensavam?

R.G. – Meus pais sempre me apoiaram. Meu pai acha um máximo, até agora. Meu pai sempre me apoiou, minha mãe também. Eu acho que eles acham importante ter esse lado da competição do esporte, que o esporte traz. E nunca se opuseram, sempre gostaram.

C.M. – E como foi esse processo de entrar na escolinha?

R.G. – Então, teve na quarta série, esse que eu fui lá conhecer e que as meninas eram muito maiores que eu, e eu acabei treinando essas semanas e depois não voltei mais. Lá pela sexta série, eu tinha uns onze anos, tinha a escolinha, agora com meninas da minha idade, tinha a categoria chamada infante e o infantil, que era uma categoria das mais novas, comecei a participar e continuei participando até o final do colégio. Mas a gente sempre tinha bastante dificuldade de conseguir meninas para participar. A gente não tinha reservas, não tinha goleira nos primeiros campeonatos que a gente participou, tinha que umas da linha se revezarem nas competições de ir no gol, nunca teve goleira. Não era um time muito forte, mas eu achava um máximo participar. Principalmente quando me deram a faixa de capitã, eu achei um máximo, porque eu assumi para mim, de responsabilidade. Isso foi bem legal.

C.M. – Vamos falar sobre o que significa a experiência sobre a mulher que joga futsal. Então, como você pode descrever a sua experiência, como mulher que joga futsal? Você jogou futebol alguma vez?

R.G. – Não, só futsal. Bom, foi uma experiência que me ensinou bastante. Eu não encontrei grandes barreiras, como eu sei que muita gente já encontrou. Mas me ensinou muito a questão do preconceito, de não julgar, porque eu conheci pessoas totalmente diferentes, pessoas que jogam futsal por prazer, por competição. E isso te dá uma capacidade de conversar com pessoas de vários tipos, não só aquelas que tu conhece na faculdade ou no colégio que pensam do mesmo jeito que tu. Me ensinou, eu acho, bastante a questão de liderança e de trabalho em grupo, de ouvir e de também não se importar muito com a opinião dos outros. Isso foi bem importante.

C.M. – O que motiva a continuar?

R.G. – Porque é o que eu gosto de fazer, chega no final do dia, tu precisa estourar para algum lado, é no futsal, é uma coisa que caminha junto comigo. Não tem como não levar junto, eu gosto muito de fazer isso e sei lá. Estar junto em uma equipe, todo mundo pensando no mesmo objetivo, mesma coisa, é muito legal.

C.M. – E você, qual acha que são suas maiores dificuldades? Falou que quase não teve, mas poderia direcionar algumas.

R.G. – Sim, é. As que eu encontrei, principais dificuldades, foi achar pessoas que gostassem, meninas que gostassem também, da mesma forma que eu. Para não ser o “patinho feio” da história, a única que gosta. Eu acabava tendo que conversar com os meninos, jogar com os meninos. O que nunca foi problema para mim, mas não precisaria ser assim. E acho que para montar um time, para ser levado a sério... O próprio treinador que a gente tinha lá, ele era treinador do masculino e também treinava o feminino, porque o feminino era novo, então eles não tinham um professor específico para o feminino, não demandava muito. E, no início, quando era eu mais nova, eu achava um máximo que a gente tinha um treinador. Mas quando eu fui chegando no ensino médio, eu percebi que ele não nos levava muito a sério, porque não éramos um time muito forte, a gente perdia muito, muito. E, não sei, uma vez ele falou, depois de uma competição que a gente tinha perdido, ele falou para alguém que perguntou como a gente tinha ido, e estávamos junto dele, “jogamos como nunca e perdemos como sempre”. E isso foi muito decepcionante para mim, por não ser levada a sério, por ser menina ou por não jogar tão bem quanto os meninos jogavam, não sei. Acho que mais isso.

C.M. – Dentro do futsal sempre se fala da questão da mulher no futsal. Qual é a sua ideia de mulher? O que é ser mulher para você?

R.G. – Tem a definição científica, mas eu acho que tem mulheres diferentes. Ela vai encontrando no caminho diferentes opções que ela pode tomar e cada uma dessas opções

vai formar o que ela será. A mulher nasce menina e vai optando por aquilo que quer e nada disso faz ela mudar o fato dela ser mulher, eu acho. Não depende das escolhas que ela faz.

C.M. – Você acha que a pratica de futsal interfere na sua feminilidade?

R.G. – Não. Para mim, não. Talvez como as outras pessoas me percebem. Talvez. Já ouvi gente comentando o jeito de andar, o de falar, as companhias. Mas para mim não.

C.M. – O que é para você, ser feminina?

R.G. – Ser feminina... Olha, eu acho que é ter para si, assumir para si o fato de ser mulher, independente de vestir rosa ou não. Simplesmente ter consciência para si própria de que é mulher e a partir daí, eu acho que as decisões que ela toma não são muito importantes. A partir do momento que tu assume o fato de ser mulher, tu pode tomar as decisões que te cabem: jogar futebol ou não, vestir rosa ou não. Tu vai criar a tua característica, a tua feminilidade, que é própria de cada um, cada uma.

C.M. – A vaidade entra dentro do conceito de feminilidade que você tem?

R.G. – Eu acho que não. Eu acho que a vaidade é um tipo de feminilidade. Eu acho que ela pode estar dentro para uma pessoa mas não necessariamente para outra, uma opção que não está intrínseca com a feminilidade.

C.M. – E você se considera vaidosa?

R.G. – Sim. Acho que sim.

C.M. – Por que?

R.G. – Eu gosto de me vestir bem, eu gosto de me cuidar, cabelo, maquiagem, roupa. Essas coisas que nem sempre todo mundo gosta, mas eu acho interessante.

C.M. – Bom. E quando você joga, como demonstra essa vaidade?

R.G. – Não sei se eu demonstro. [riso] Não sei, eu acho que eu não sei se eu consigo levar isso para dentro de jogo, porque eu acho que isso talvez me atrapalharia um pouco, ficar preocupada com o cabelo, mas talvez um pouco sim. Mas o básico, simples.

C.M. – Como?

R.G. – Não sei, talvez pensando na roupa que eu vou ir usar para treinar, prender o cabelo, ver se está tudo bem, mas muito básico para jogar, porque o mais importante é tu estar confortável antes de tudo.

C.M. – Como o futsal ajudou na sua vida, em termos de comportamento?

R.G. – Foi bem importante, eu acho. Foi importante por essa questão de quando eu tinha onze anos, um professor dar a condição de capitã de um time. Tu começa a ter que representar, se tornar referencia para aquelas que estão juntas de ti. Então tu começa a ter que lidar com trabalho em grupo, se comunicar melhor, representar e ajudar as pessoas que estão ali confiando em ti assim como tu está confiando nelas. Acho que isso foi o mais importante. E esse espírito de equipe foi o futsal que me deu.

C.M. – Liderança?

R.G. – Sim.

C.M. – Além disso, que outra coisa o futsal trouxe para sua vida?

R.G. – Eu acho que a questão da saúde física, porque... Física e mental, eu acho, porque eu não gosto de nenhum outro esporte para praticar diariamente ou semanalmente, ao ponto de eu considerar uma atividade física regular que seja saudável, como os médicos recomendam. Nenhum outro esporte eu faria tão seguido. E mental, porque, como eu disse, é uma válvula de escape. Quando eu estou jogando, não penso em mais nada, só no futsal.

C.M. – E em termos de valores?

R.G. – Valores... Acho que essa questão de respeito, de considerar que é rival dentro de quadra, mas só dentro de quadra e o espírito de equipe, companheirismo.

C.M. – Teus amigos, o que eles acham de que você joga futsal?

R.G. – Tem sempre a brincadeira, mas em um tom de brincadeira mesmo: “Tu não joga nada” por parte dos meninos, mas por brincadeira, porque eles me conhecem há muito tempo e sabem que é o que eu gosto de fazer e o que eu sei fazer. A maioria acha muito legal, diferente, quem não tem muito contato. Principalmente as meninas acham muito legal, representar a universidade, viajar para fora, como foi agora. Muito diferente, muito legal. Nunca encontrei nenhum amigo que se opusesse a isso, se não, não seria meu amigo.

C.M. – Vamos falar agora do corpo. Como você cuida a aparência do seu corpo?

R.G. – Bom, eu gosto muito de me cuidar, do cabelo, maquiagem, não uso maquiagem todos os dias, uso para sair, mas uso de vez em quando. Quando eu tenho mais tempo para me arrumar, porque muitas vezes eu não consigo tempo de acordar de manhã. Mas acho que é isso.

C.M. – E quando vai jogar?

R.G. – Quando eu vou jogar, normalmente, para treinar, eu venho depois da aula, então eu venho da maneira que eu estava na aula. Nada específico para jogar.

C.M. – E você, qual é a sua forma de vestir que mais gosta?

R.G. – Eu gosto de me arrumar. Eu gosto bastante de jeans, não uso tanto tênis, mas às vezes sim, eu gosto mais de usar sapatilha, enfim. Mas como eu preciso estar sempre caminhando, do campus, descendo, pago o ônibus, então as vezes é mais confortável estar de tênis, mas isso depende da minha roupa, se vai combinar com o tênis ou não. Mais do que se vai ser confortável. Enfim, eu gosto de me arrumar, gosto muito de botar roupas diferentes e tenho o estilo mais esportivo quando, por exemplo, venho só para treinar, mas

eu também gosto muito de me arrumar para sair, uso salto, vestido, *amo* vestido, saia, variados.

C.M. – E sempre foi assim ou quando era menininha também gostava de se vestir assim? Como era?

R.G. – Não. Quando eu era menor, eu odiava rosa, não gostava de rosa. Não gostava muito de me vestir como menininha, como as minhas amigas se vestiam. Eu queria estar confortável. Até tinha umas calças do uniforme do colégio, de moletom, que de tanto me jogar no chão, minha mãe teve que costurar de couro no joelho, porque rasgava, ela não aguentava mais comprar calça nova para mim que eu estava sempre no chão. Mas quando eu era criança, eu acho que eu tinha uns dez, onze anos, eu comecei a gostar muito de rock, aí eu me vestia de preto e usava camiseta de banda e aquelas “spikes”, pulseiras “Spike”, pintava o olho de preto, lápis de olho e... Mas foi uma fase curta, depois eu acho que a partir dos meus onze, doze anos, eu comecei a me vestir mais parecida do que eu me visto agora. Mas ainda, enquanto eu estava no colégio, ainda era menos, acho que agora que eu sai do colégio, que eu não preciso usar uniforme, eu acho que comecei a me preocupar mais com a minha roupa.

C.M. – E você faz academia?

R.G. – Faço. Faço, mas não é uma coisa muito... Eu já fiz academia antes, aí eu parei. É de acordo com o meu tempo, se a faculdade permite, eu me matriculo. Eu estou matriculada agora, é um ano, até o ano que vem, metade do ano, e aí se eu estiver bem de tempo eu tento continuar, mas se não der, eu vou ficar só no futsal, porque o futsal é a minha prioridade.

C.M. – E qual é o motivo de fazer academia?

R.G. – É mais por questão do corpo. O futsal não trabalha todos os músculos que eu preciso, principalmente porque tenho muito pouca força no braço e definição, porque o futsal ele te dá um desenvolvimento, mas a definição de todos os músculos não. Então, eu acho, que é mais por estética mesmo.

C.M. – Bom, Rafa, quer falar algo mais sobre tua experiência no futsal com mulher? Significativo.

R.G. – Bom, eu acho que os pontos mais importantes, eu acho que tu já abordou com as perguntas. Pelo menos agora não me vem nada.

C.M. – Tá, Rafa. Então, muito obrigada pela entrevista.

R.G. – De nada.

C.M. – A gente tenta fazer outra entrevista para aprofundar um pouco mais. Obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]